

Misterioso ritual de fé

Inveja, mau-olhado, enxaqueca, a benzedeira Tia Ana resolve quase tudo. Católica, vive em meio a imagens de santos e comunga toda sexta-feira

LEILANE MENEZES

Cheias de fé e de histórias, as mãos envelhecidas de Ana Abrahão Marques, 84 anos, seguram o crucifixo com firmeza. Há quem faça fila na porta da casa dela, no Guará 2, em busca de solução para diversos problemas. Crianças e adultos aguardam minutos, quem sabe horas, a deparar com o movimento, para serem vistos e abençoados pela mulher de feições marcadas pelo tempo. Ela ganhou fama de poderosa em toda Brasília. Com o terço de um lado e o óleo bento do outro, Ana faz suas orações.

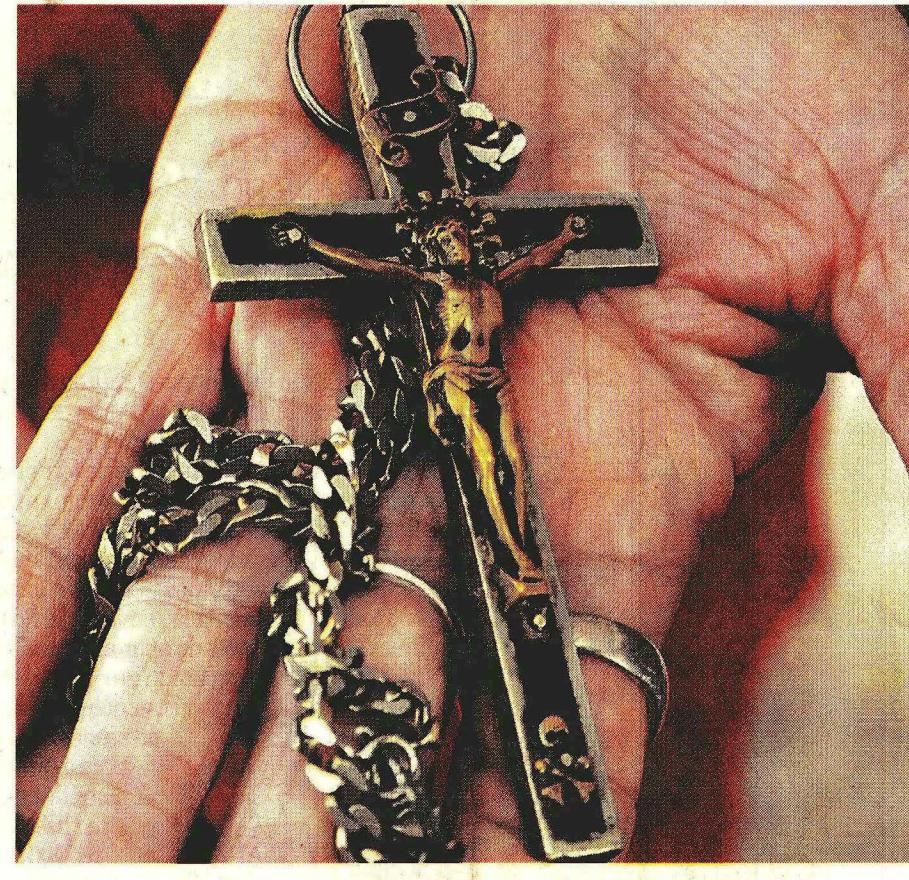
Unta os dedos e marca sinais da cruz na testa, nos lábios e no peito de quem a procura em busca de paz e saúde. Repete o ritual desde menina. É benzedeira. Assim são chamadas as mulheres a quem se credita o poder de curar doenças e de proteger do mal. Comuns em outros tempos, elas são cada vez mais raras, especialmente nas grandes cidades. Ana é uma das poucas no DF. Não cobra dinheiro pelo serviço. Nem sequer ganhou uma moeda em troca de suas rezas. Faz o que faz em nome da crença.

Todos os dias, dezenas de pessoas batem à porta da casa dela, uma construção simples protegida por um portão enferrujado sempre aberto. Querem se benzer contra inveja, sobreiro (herpes), mau-olhado (também conhecido como quebrante), dores no corpo, enxaqueca, feridas que não cicatrizam, entre outros males.

Cada mal é curado com uma reza especial. Tia Ana, como a benzedeira é conhecida na vizinhança, já recebeu pedidos de reza para situações inusitadas. Um grupo de rapazes a procurou em busca de orações para passar no vestibular da Universidade de Brasília (UnB). "Eles passaram, viu? A reza foi boa", diverte-se.

Tia Ana recebe visitas de gente de várias classes sociais e profissões. Não se esquece da situação em que um médico levou o filho com bronquite para ser tratado na casa dela. "O pai já tinha tentado de tudo. Era doutor e não acreditava muito nessas coisas de reza, mas saiu daqui com outra ideia. O menino melhorou demais", relatou.

Em outra ocasião, Ana lembra-se de uma vizinha que chegou até lá com a filha nos braços, quase sem respirar. A mãe havia procurado médicos em vários hospitais. Os doutores mandaram a criança para casa, sem possibilidade de cura e com pouca expectativa de sobrevivência. "A menina já estava mudando de cor, ficando arroxeadas, quando a mãe entrou correndo pelo portão. Depois de muita reza, ela voltou ao normal. Hoje, é um mulherão de 22 anos", orgulha-se Ana.



» **Para saber mais**

Parte da cultura popular brasileira

As benzedeiras fazem parte da cultura popular brasileira. Em geral, são católicas, embora parte da Igreja rejeite esse tipo de prática. Outras religiões também cultivam o hábito de rezar com as mãos impostas sobre o necessário. Algumas benzedeiras usam folhas e água, além das tradicionais orações. Em 2004, 250 rezadeiras foram treinadas para acolher os pacientes em postos de saúde do Ceará. A influência dessa crença popular é tão

intensa que o sistema de saúde pública recorre a elas para facilitar o diálogo com a população.

Não há registros de quantas benzedeiras existem no país. Mas o Censo Cultural da Bahia, realizado pela Secretaria da Cultura e Turismo do estado, promoveu um levantamento, entre 2002 e 2006, em 417 municípios. Registraram cerca de 700 benzedeiras. A maior parte delas em cidades do interior e com mais de 60 anos.

Comunhão

Quem entrar na casa de Tia Ana verá imagens religiosas por todos os lados. Madre Paulina (com quem Ana diz ter uma conexão especial), São Francisco de Assis, Padre Cícero e várias Nossas Senhoras. Ana é católica. Comunga toda sexta-feira. Nesse dia, um padre vai à casa dela especialmente para dar a hóstia a Ana e ao marido dela, João Batista, 72

anos. Ana, entretanto, respeita todo tipo de credo. "Tudo que vem de Deus faz feliz", acredita. Ana diz não ter poderes de cura. "Não sou ninguém. Sou só uma filha de Deus. Minhas portas estão sempre abertas a quem precisar", definiu.

Ela já chegou a receber 40 pessoas por dia em busca de bênçãos. Ultimamente, tem atendido menos gente, cinco ou seis diariamente. Ana está doente. Começou a sentir o peso dos anos,

recentemente. Completará 85 anos no próximo mês. O corpo dói. Os ossos estão fracos. "Mas não me recurso a benzer ninguém que me procurar. Já benzi deitada, minha filha. Não deixo ninguém sozinho na angústia", afirmou.

A dor de Ana não é apenas física. A irmã de quem ela cuidava amorosamente desde o nascimento morreu há dois meses, aos 70 anos. Era deficiente física. Depois disso, o coração de Ana enfraqueceu. "É um luto que não acaba, minhas pernas perderam as forças." As bonecas da irmã de Ana ainda estão penduradas nas paredes descascadas da casa: "Uma coisa assim machuca de um jeito que tira a gente do prumo". Mas Ana segue em frente.

Início

O pai de Ana, um rico comerciante, a levava para visitar asilos quando ela era pequena, em Estrela do Sul (MG). Nesses locais, ela conheceu benzedeiras, que lhe ensinaram o poder transformador da fé. Quando Ana tinha 3 anos, vizinhos a procuravam em casa, em Minas Gerais, em busca da cura para males diversos. Sentada em uma cama, a pequena repousava as mãos sobre a cabeça de quem sentia dores, como enxaqueca por exemplo. Minutos depois, o doente deixava o local dizendo estar aliviado. O ritual repetia-se inúmeras vezes ao longo do dia. Assim, Ana ganhou fama de curandeira. O pai dela não permitia que ela cortasse os cabelos. "O cabelo era maior do que eu, tinha quase um metro e meio", lembrou.

Desde 1973, Tia Ana vive na QE 40 do Guará 2. Ali, conheceu o amor. "Eu não queria me casar de jeito maneira. Nasci para cuidar dos outros, pajéei a minha mãe, minha irmã, meus sobrinhos. Casamento estava fora dos planos", disse. Mas João Batista, um homem alto, de pele morena vistosa e voz aveludada, mudou o rumo da vida de Ana. "Ele fazia serviço de pedreiro e eu era amiga de uma cunhada dele. Ele andou atrás de mim muito tempo até que eu aceitei", relatou.

João Batista havia deixado uma noiva no altar meses antes. A outra também se chamava Ana. "Faltando duas horas para o casamento, ele fugiu de Anápolis para Brasília", entregou Tia Ana. "Parece que era minha sinal me casar com uma Ana. A outra Ana, a que ficou só no altar, casou-se com um outro João Batista depois. Não existe coincidência nessa vida. Tudo é como tem que ser", avaliou João.

Ana e João se casaram quando ela tinha 49 anos e ele, 37. Estão juntos desde então, sem nunca se separar. São companheiros de verdade. É João Batista quem auxilia Tia Ana nas bênçãos. Nunca tiveram filhos. "Meus filhos são todos aqueles a quem ajudei", resume Tia Ana.

Não sou ninguém. Sou só uma filha de Deus. Minhas portas estão sempre abertas a quem precisar"

Tia Ana, benzedeira